

115-19



22/21

Monsieur

Fernando Pessoa

scriitorin A. Xavier Pinto & Cia

01 Rua de S. Julião

Lisbonne

CONTROLE POSTAL MILITAIRE



Portugal

enviado  
Mário de Sá-Carneiro  
29 Rue Victor Massé'

Paris - 9 em



Paris - fevereiro 1916  
 dia 22

Meu querido Amigo,

Putão da' the venho escrever a carta  
 mais calma. Em primeiro lugar, meu  
 querido Amigo, para o fixar onde  
 a minha crise actual deu the dias que  
 ela não é mais do que um estadio  
 da sucessão de coisas muito complexa  
 das que, como você sabe, a minha  
 vida contém. Daí uma inquietação  
 eterna, um medo fixo. A aumentar  
 tudo isto a incertidância sempre de uma  
 situação e de um futuro: supponha  
 você que o meu Pai casou com  
 a pessoa que o meu amigo sabe  
 e a tem, desde Setembro, em  
 Povoação Marques. Porém a casa  
 da P. do Restaurador existe de a  
 mesma maneira, vivendo cá a

minha mãe e os gatos e um  
enxada. Tudo isto porém ha de ter  
um fim — e eu pergunto-me que  
lugarerei preencher nesse fim.  
O meu Pai ora diz, por exemplo,  
que L. Marques não é terra para  
mim — ora, pelo contrario, sugere  
que gostaria muito de me ter  
lá, depois da guerra. Não compreendo  
de hem o desenhadizo que seria  
p.ª minha esta situação — não é propriamente  
L. Marques o pavor: mas a  
circunstancia que eu aí iria ter — e a  
qual me parece muito evidenciada.  
Nem uma vez, em cartas até  
muito recebidas, o meu Pai se refere  
à minha partida daqui: mas que  
sempre não terá que sustentar p.ª  
a anti-suação da m/situacão  
presente. Espero que eu não possa  
ter mais. Pedi ao meu Pai 250  
francos por mês. Actualmente recebe  
280: mas, como eu li sobre,

É uma prestação de mais, não, novos  
 mês. Bem resumido: não sei nada.  
 É pouco. Mas o'fa' resumir  
 crisa ...

Pirro F. Jones: um interessante  
 mixórdia. O "homem de fumo" pre-  
 ce-vo e si: & por alguma que  
 poderia ter alguma lá dentro ...  
 o mesmo uso o Vacuo que é  
 na verdade interessante pelo ideia  
 da animação dos personagens  
 do bule e do quadro Maia do  
 da Clay e da Clc. Há aqui  
 interseccionismo sem dúvida, porém  
 entre porém são absolutamente  
 ridículos ou repugnantes - ah!  
 mas absolutamente. So conjunto  
 não foram avaliar crisa alguma  
 Lena isto: é a hora arte em  
 todo o caso "melhores" a peças  
 que tem o gênio de um sejudo.  
 Livro que me em Tempo me disse

que o livro do F. S. tinha ligeiras  
influências interseccionistas. Para  
mim tem-nas flapsentes demais,  
muitas fixamente em certos: co-  
lunas, papas, coisas de pletine, "fe-lo",  
positivamente o "pe" (a um, a cada um do  
adverbis) etc. Com respeito ao livro  
do F. S. que é apenas  
um interseccionista apontamento. Vall  
como uma nova influencia. Tanto  
melhor. Agradeço ao rapaz - e  
traduzo. He em signapem amado,  
e para tudo isto.

---

Fraze interseccionista numa carta do  
proprio Perez hoje recebida e  
peuro: era a maneira do Sa-Camelo  
a quasi definitiva, a melhor, a  
profeta?... E posso eu julgar o  
Sa-eritor, o Sa-Consumpente, o  
"Sa-Europa" como o Primalto  
e o "Sa" "ctar". (A distinc-  
a experiencia Sa-Campo, na a chance?)

eu não sei viver, eu não tenho  
crápula p.<sup>o</sup> viver com menos  
 de 350-400 francos. Resultado:  
 a minha situação é parentalmente  
 idêntica a de Lisboa (situação  
 financeira, bem entendido). Talvez  
 que uma das razões pelas quais  
 deberei partir foi a impossibi-  
 lidade de não pedir dinheiro  
 ao meu Pai. Pede-me hoje  
 o mesmo: preciso de 300 francos.  
 Ou lhe pedirei simplesmente - não  
 sei com que pretexto - ou lhe  
 pedirei 800 f.<sup>o</sup> partir p.<sup>o</sup> Lisboa.  
 Dai as minhas cartas anteriores.  
 Uma pequena circunstância veio  
 a semana passada impedir-me a  
 solução da perda p.<sup>o</sup> Lisboa. Essa  
 circunstância porém hoje não existe -  
 ou, melhor: existe modificada - podia  
ainda existir. De forma que  
 não tomei, por enquanto, uma  
 resolução definitiva, tendo só

necessidade do dinheiro. p<sup>a</sup> 15 do  
mês próximo. No momento presente  
está escolhida esta cidade de Criva:  
«ganhar tempo», isto que  
eu não me importaria muito de  
ir p<sup>a</sup> Lichva, visto que a difi-  
dade de ir está arredada com  
a única presença da minha mãe  
em Lichva. Tentaria até de partir  
p<sup>a</sup> Lichva - se não tivesse pena  
de me ir embora de Paris. Mas eu  
nem sei se ao meu pai quero  
a minha partida p<sup>a</sup> aí. Com este  
não pode trazer novas informações  
a respeito que o meu amigo sabe  
- eu acho o a bem - não quereria por  
fornecer alguma que eu entre em  
conta dela. Já p<sup>a</sup> o hotel caro. Mas  
havia de ir ver a minha mãe.  
Ela não terá confiança na minha  
mãe p<sup>a</sup> me não receber: e daí mais  
sempre que o meu pai terá que  
saber com o meu «telegrama» pedindo

sou francamente p<sup>o</sup> partir. Compreendo  
 melhor. Empiçadamente esta é a fun-  
 ta treprehada, feita do microorga-  
 nismo que me debate o espirito,  
 os nervos e o corpo. A minha  
 tristeza não tem limites, a criança  
 trista chora em mim - ascende  
 as saudades de ternura - sopra  
 a vida a sempre, sempre. Como  
 partia pra' mim em minha casa,  
 quando eu dançava com a minha  
 ama: tanto mais quanto maior  
 n<sup>o</sup> tinha o cuidado por partir -  
 acumulo agora dispersos sobre  
 dispersos num desejo de proximida-  
 de: melhor: num desejo de que  
 meceda que per viva, e se o que  
 for: que uma hora fare da minha  
 vida se eu ceto. E sei até que  
 preferia receber um telegrama do  
 meu pai mandando-me partir  
 p<sup>o</sup> R. Marques - apesar de todo o hono-  
 ro que não receber novidade alguma.

Fu do isto e as minhas obrigações  
embodadas me torturam, me  
despedaça até: "A também a cande  
de perra, não se pode irá perar - am  
de pouco me importe - o importante  
é que seja". Superfelicemente se  
que nunca mais parará e  
Estas criza infelicemente, um seu  
detalhes, só se podem explicar  
em crivera: e assim, o uso  
muito, mesmo afastando-as e  
ultrapassando-as não se  
suficientemente me amprenderá.  
crá se assurt em todo o caso -  
tenha apenas muito do de mim.  
Eu sairei disto, de qual quer forma:  
corrido, pode ser - mas nunca  
esperança do meu perdo. Sempre  
no fundo « o cohardo reproso ». Aqui  
tem, seja como for no entretanto,  
a minha cidade aqui não se  
prolongar por muito tempo - disto  
estou seguro, inteiramente seguro.

Para outra vez lhe mandarei as  
Cartas do Pacheco. Estas são onde  
deu-me as metes.

Espero se me terá esquecido de  
lhe responder a algumas partes  
das suas últimas Cartas. Se  
alguém é prático-me e repete-  
me a pergunta.

Pedido do C. Ferreira: Tomar  
nota dos títulos das gravuras  
incertas no volume do Pedro  
Muralha "A Belpica Heroica".  
Vejá se o pode fazer na America.

Escreva-me muito, muito,  
muito? Diga-me coisas ~~de~~  
importancia. É-me tão agradável  
na presença conjunctiva e subter-  
ranha de opiniões suas...

São que o Barnatás (Ranhador)

veeu muito brevemente p.  
Paris. E o Almada depois?  
Ele e' que me tira, m<sup>to</sup> apressa  
ver aqui, quando mais não  
fome p<sup>o</sup> fazer eccendo de um  
café ... De' - he saudade  
e de' - he isto. Prele muito  
o Pacheco e o Victoriano. Cu-  
to - me muito viva. Exercim  
muito. Adas. Mui arroyo  
de toda a alma.

O cu, seu

Mano de Sa' Carneiro

---